

EXPERIÊNCIAS DE RESISTÊNCIA ESCRAVA NA CIDADE DA PARAHYBA OITOCENTISTA.

Iany Elizabeth da Costa ¹

Solange Pereira da Rocha ²

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú, integrante do grupo de pesquisa “Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista” vinculado ao DH – Universidade Federal da Paraíba.

² Orientadora, professora vinculada ao Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba e do programa de Pós - graduação em História da UFPB

(Ianyelizabeth@hotmail.com)¹

(banto20@hotmail.com)²

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte integrante das análises e discussões desenvolvidas no Grupo de Pesquisa “Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista” e ao projeto de pesquisa intitulado “Escravidão urbana, Cotidiano e Resistência na cidade da Parahyba, 1800-1850”. É uma pesquisa que se encontra em estágio inicial a qual tem objetivo de fazer um estudo sobre a resistência escrava a partir da negociação, quando os escravos negociam com seus senhores, e obtém a liberdade parcial (tempo para festejar), através dos momentos de sociabilidade, dentro dos espaços de encontros sociais na cidade da Parahyba, quer seja no momento do trabalho nas feiras, ruas e vielas, ou nos momentos de lazer, nos sambas e coco de roda, na Rua da Matinha ou na Rua do Grude, espaços das sociabilidades da população negra de diferentes condições jurídicas. Ou através do conflito, ou seja, as infrações que se revela de formas diferentes, como as fugas, ajuntamentos ilícitos, agressões, homicídios, entre outras. Por meio principalmente, da análise da documentação produzida por órgãos oficiais da administração Colonial e Imperial, como as correspondências de chefe de polícia. Tais documentos - Correspondências de chefe de polícia, Instruções e Posturas Municipais – são importantes fontes para revelar fragmentos e indícios que revelem as experiências escravas de resistência em sua luta cotidiana pela liberdade. Verificamos, desta maneira, a importância

desses mencionados documentos para a pesquisa histórica relacionada ao estudo da resistência escrava.

METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho, foram utilizados estudos e análises relacionados á escravidão urbana e a resistência escrava na sociedade escravista do século XIX, especialmente, os estudos que correspondem ou fazem referência á cidade da Parahyba, capital paraibana, no recorte espaço da primeira metade do século XIX, no qual os autores (as) debatem o assunto tanto na produção histórica mais tradicional quanto nos estudos historiográficos mais recentes.

Para trabalhar com a pesquisa documental escolhemos a técnica de Análise de Conteúdo na concepção de Bardin (1977). Esta técnica se desenvolve em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados, interferência e interpretação. A pré-análise que é a fase de organização já foi iniciada, como já dissemos anteriormente, este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa que está em andamento. Fizemos os primeiros contatos com os documentos, e nesta comunicação, precedemos á escolha dos documentos, nos quais, são as correspondências de Chefe de Polícia, Instruções e com as Posturas Municipais.

A pesquisa documental expõe uma serie de dados documentais com predominância de documentos oficiais oriundos da administração Colonial e Imperial produzidos na Cidade da Parahyba, entre os anos de 1800-1850, especialmente, a documentação policial sobre os escravos, que possibilitarão uma análise quantitativa e qualitativa do universo social dos negros na Paraíba. Estamos desenvolvendo esta pesquisa em acervos do Estado, especialmente no Arquivo Histórico da Paraíba, localizado na Fundação Espaço Cultural, João Pessoa - Paraíba. Buscando identificar o universo social do escravo enquanto sujeito histórico, suas formas de resistência, dentro, do espaço urbano da Capital da Província da Parahyba do Norte.

DISCUSSÃO

No tratamento dos documentos referentes às correspondências de chefe de policia, Instruções e Posturas Municipais, pensando a perspectiva da resistência escrava, no contexto, da Cidade da Parahyba, destaca-se Lima (2002) e (2010). No primeiro estudo, destaca o uso

das correspondências policiais, como um mecanismo para identificar a criminalidade escrava na segunda metade do XIX, e no segundo trabalho, analisa tais correspondências, procurando mostrar os meios em que esses escravos enquanto sujeitos sociais utilizavam-se para conquistar sua liberdade.

Durante muito tempo uma parte da historiografia conservadora elegeu seus grandes “heróis” como únicos responsáveis pelos grandes feitos da humanidade, no contexto, dos estudos sobre escravidão, os escravos faziam parte dos “excluídos” da História dita oficial, ou seja, a historiografia conservadora discutia e elegia o que podiam ser considerados grandes eventos, desde que estes fatos fossem tidos como tais. Há nova História surgida a partir da década de 1970, vem procurando desmistificar essa visão e trazer os sujeitos históricos, nesse caso, os africanos cativos, antes renegados para a discussão sobre suas práticas sociais e culturas dentro da sociedade escravista. E nesse sentido, Os africanos cativos eram colocados sempre como sujeitos passivos ao regime que os oprimia, havendo poucos espaços para estes como sujeitos históricos, onde e quando apareciam nas abordagens historiográficas eram colocados como objetos coisificados, pacificados e destituídos de humanidade.

Todavia, Chalhoub (1990) coloca que esse mito do caráter benevolente ou não-violento da escravidão no Brasil já foi sobejamente demolido pela produção acadêmica de 1960 e 1970. Por isso, essa pesquisa se torna relevante, pois, busca analisar as formas de resistência escrava, no que compete o embate social, senhor e escravo, escravo e as rondas policiais. Como vemos nestas correspondências do Chefe de Polícia ao Presidente da Província a primeira do ano de 1845, onde notifica a prisão do escravo Clemente, do Convento de São Bento e a crioula Forra Theodora por serem encontrados ébrios em súcia depois das horas do silêncio e a segunda do ano de 1846 notificando a prisão dos escravos Trajano e Luis por estarem depois do toque de recolher na Rua das Convertidas por má conduta, e a terceira do ano de 1849, onde constata a soltura da Parda Luzia por ordem do Juiz Municipal suplente, presa por ter enfrentado um homem que se dizia seu senhor sem os devidos meios legais.

Novos estudos têm surgidos procurando mostrar as relações complexas desenvolvidas na sociedade escravista, onde mulheres e homens souberam aproveitar das brechas do sistema escravista para empreender suas estratégias de resistência para obter a liberdade ou poderem ter melhores condições de vida, dentro, de seus espaços cotidianos, a exemplo. Demonstrando que durante todo o período da escravidão, estes sujeitos históricos lutaram e resistiram

ativamente ao cativo, onde “mesmo com os limites e a violência imposta pelo sistema escravista construíram uma lógica de sobrevivência e de resistência”, Rocha (2009). Neste sentido, os estudos das correspondências policiais, Instruções e Posturas Municipais, dão suporte á uma melhor compreensão a respeito das complexas relações escravistas nas sociedades escravistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta maneira, ressaltamos que a nossa pesquisa documental está em fase inicial. Por isto, o que propomos neste trabalho é fruto das leituras e discussões de textos e livros sobre a temática. Dentro do grupo de pesquisa “Sociedade e Poder no Nordeste Oitocentista”. Ou seja, pretendemos mostrar como esses cativos aproveitavam os espaços oferecidos pelo sistema para resistirem, de forma individual ou coletiva. Nessa perspectiva, estes escravos enquanto sujeitos ativos na sociedade souberam aproveitar das oportunidades que lhes foram surgindo para resistirem e manifestarem sua cultura, dentro dos espaços de sociabilidades que a capital da Província lhes proporcionava, pela sua localização e possibilidades de interação com outras Províncias tanto por terra quanto por mar. Desta forma, verificamos a existência de uma ampla historiografia que trabalha a questão dos (as) escravizados (as) enquanto integrantes na sociedade escravista, Sendo, possível através das fontes documentais destacarem deste modo as ações de resistência empreendidas por mulheres e homens como sujeitos históricos e sociais de suas próprias vivências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALGRANTI, Leila Mezan. **O Feitor Ausente**: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro (1808-1850), Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1983.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CASTRO, Hebe, Cap. 2, História Social, pág. 76 – 96 In: VAINFAS, Ronaldo; FLAMARION, Ciro C. (Org.s) **Domínios da História**: Ensaios de Teoria e Metodologia, 5. Ed. São Paulo: Campos, 1997.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49. Ed. São Paulo: Global, 2004.

GENOVESE, Eugene. **Da rebelião á revolução**. São Paulo: Global, 1983.

GOMES, Flávio dos Santos; SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **Dizem as quitadeiras...** Ocupações urbanas e identidades étnicas em uma cidade escravista: Rio de Janeiro, século XIX. Revista do Arquivo Nacional, v.15, n.02, p. 08 - 21, Jul/Dez 2002.

LIMA, Maria da Vitória Barbosa. **Crime e Castigo**: A criminalidade escrava na Paraíba (1850-1888). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2002.

_____. **Liberdade Interditada, liberdade reavida**: escravos e libertos na Paraíba escravista (século XIX). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2010.

MATTOSO, Kátia de Queiroz. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PARAÍBA. **Correspondência expedida pelo Chefe de Polícia ao Presidente da Província**, em 07 de Junho de 1845. AHPB, Caixa n: 20, ano: 1842.

PARAÍBA. **Correspondência expedida pelo Chefe de Polícia ao Presidente da Província**, em 14 de Janeiro de 1846. AHPB, Caixa n: 002, ano: 1800 – 1804.

PARAÍBA. **Correspondência expedida pelo Chefe de Polícia ao Presidente da Província**, em 02 de Agosto de 1849. AHPB. Caixa n: 27, ano: 1849.

RODRIGUEZ, Walfredo. **Roteiro sentimental de uma cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

ROCHA, Solange Pereira Da. **Gente negra na Paraíba Oitocentista**: População, Família e Parentesco Espiritual. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2008.

RUSSELL-WOOD, A. J. R. **Escravos e libertos no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SCWARTZ, Stuart B. **Escravos, Roceiros e Rebeldes**. Trad. Jussara Simões. Bauru: Edusc, 2001. p. 21-57.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história**: micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VAINFAS, Ronaldo; FLAMARION, Ciro C. (Org.s). **Domínios da História**: Ensaios de Teoria e Metodologia. 5.ed. São Paulo: Campus, 1997.